

---

## Os conceitos de território, desterritorialização e território informacional para entender o Nomadismo Digital<sup>1</sup>

Letícia BARROSO<sup>2</sup>  
Maria Nazareth Bis PIROLA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

### Resumo

Este artigo tem como objetivo entender como o movimento do nomadismo digital pode ser relacionado aos conceitos de território, desterritorialização e território informacional. O nomadismo digital é um fenômeno que envolve as ações de trabalhar remotamente e de viajar, promovendo a flexibilização do trabalho e a mobilidade. Para entender como este estilo de vida é retratado, considerou-se, de forma exploratória, o conteúdo de dois *blogs*, o *blog* Nômades Digitais e o *blog* 360meridianos. Por meio de pesquisa bibliográfica, chegou-se aos principais autores que relatam temas correlatos ao nomadismo digital, tais como território sob a ótica das ciências sociais, vistos por Santos (2002) e Haesbaert (2002); território informacional por Lemos (2007, 2009); e desterritorialização por Haesbaert (2010).

**Palavras-chave:** Nomadismo Digital; Blogs; Território; Território Informacional; Desterritorialização.

### Introdução

“Os nômades digitais são seres fora da caixa”. A definição é dos blogueiros Jaqueline Barbosa e Emerson Viegas, criadores do *blog* Nômades Digitais e também do *blog* Casal Sem Vergonha (CSV). Além disso, os blogueiros se descrevem como “um casal que pediu demissão, criou uma empresa de projetos para a *internet*, e hoje vive trabalhando e viajando pelo mundo<sup>4</sup>”.

Ainda, com a emergência do movimento, outras nomenclaturas surgiram para as pessoas que trabalham e viajam ao mesmo tempo. A primeira é nômade digital ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES/ES, e-mail: [leticiagomesbarroso@gmail.com](mailto:leticiagomesbarroso@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES/ES, email: [n.pirola@uol.com.br](mailto:n.pirola@uol.com.br)

<sup>4</sup> Disponível em: <https://nomadesdigitais.com/sobre/>. Acesso em 6 de out. de 2020.

---

*digital nomad*, como explica o nômade digital Marc Knaup em artigo. Ele explica que o termo pode ser visto separadamente: *Digital* - porque “se refere a pessoas que recebem o salário através de trabalhos em meios digitais. Se eles podem fazer isso de qualquer lugar do mundo, eles são *location independent*. Um exemplo comum é um desenvolvedor de *softwares* que trabalha de casa” (tradução nossa)<sup>5</sup>. Em relação à palavra *Nomad*, Marc Knaup, descreve que, “se refere a pessoas que vagueiam, aqueles que mudam repetidamente de moradia” (tradução nossa)<sup>6</sup>. Além disso, os nômades digitais podem ser comparados aos nômades virtuais problematizados por Lemos (2009):

Os nômades possuem um território, passando de ponto a ponto (por exemplo, uma fonte de água) e estes pontos só existem para serem abandonados. Os nômades virtuais buscam novos territórios, os territórios informacionais. Eles passam de ponto a ponto em busca não de água, caça ou lugares sagrados, mas lugares de conexão. Não precisam carregar seus pertences nas costas, tudo o que precisam está virtualmente na rede (LEMOS, 2009, p. 31).

A partir dessas definições, é perceptível a abrangência do termo e a conexão com teorias já consolidadas, tais como a mobilidade de Maffesoli (2001) e os turistas e vagabundos de Bauman (1999).

Em relação ao movimento, constata-se que o nomadismo digital foi oriundo de acontecimentos que envolvem o mundo da comunicação, como o avanço das novas tecnologias e a flexibilização do trabalho por meio das ferramentas digitais. Apesar de não ter sido originado em uma data específica, o nomadismo digital pode ser visto através da união de três obras principais, conforme relata o pesquisador australiano Schalgwein (2018). A primeira obra é a *A Galáxia de Gutenberg*, com o conceito de Aldeia Global de Marshall McLuhan (1968), seguido por *A terceira onda*, que nomeia as mudanças sociais de ondas, de Toffler (1980) e, finalmente, *Digital Nomad*, de Manners e Makimoto (1997). O que todas as obras tem em comum, portanto, é a relação do homem com a rede, seja ela digital ou não, juntamente com uma informatização da sociedade.

---

<sup>5</sup> *Digital* refers to people who earn a considerable part of their income through digital means. If they can do that from anywhere, they are *location independent*. A common example is a software developer who can work from home. Retirado do website <https://medium.com/@fluidsonic/the-big-picture-of-digital-nomadism-9afb2208a76>. Acesso em 13 de dez. de 2019.

<sup>6</sup> *Nomad* refers to people who roam — those who repeatedly **change the place where they live**. Retirado do <https://medium.com/@fluidsonic/the-big-picture-of-digital-nomadism-9afb2208a76>. Acesso em 13 de dez. de 2019.

---

Com isso, pode-se conectar o nomadismo digital com os outros significados de território além do tradicional geográfico. Neste sentido, mais do que as ações de viajar e trabalhar concomitantemente, o nomadismo digital pode representar uma mudança no território físico por meio do território virtual, como explica O'Regan (2008).

O que busca-se entender sobre esse movimento é como os conceitos de território podem ser temas correlatos ao fenômeno, visto que, para os nômades digitais, é possível dissolver todas as barreiras espaciais por meio da tecnologia. Ao procurar compreender o movimento por meio de conteúdos de veículos comunicacionais, viu-se que a plataforma *blog* foi a que deu o pontapé para que o nomadismo digital começasse a ser divulgado no Brasil.

Para tanto, foram escolhidos dois *blogs*, encontrados em pesquisa exploratória, por alcançarem um número significativo de leitores mensais, e, também, por serem considerados os pioneiros no assunto no Brasil. O primeiro *blog* escolhido é o *blog* Nômades Digitais, que foi fundado em 2014 pelos empreendedores digitais Emerson Viegas e Jaqueline Barbosa. Tal veículo aborda todos os temas que envolvem o nomadismo digital, empreendedorismo digital, trabalho *freelance*, dicas de viagem e também organização financeira. O outro *blog* é 360meridianos, fundado em 2011 pelos jornalistas Natália Becattini, Rafael Sette e Luiza Antunes. Nele, os autores abordam assuntos sobre viagens, turismo sustentável e também como viver de produção de conteúdo em *blogs*, o trabalho remoto.

O que pode-se perceber em ambos os veículos é que há uma visão otimista sobre a mobilidade, além da discussão acerca do acesso a dispositivos móveis e conexão *wireless*. Na sessão Manifesto do *blog* Nômades Digitais, lê-se:

Com a evolução da era digital e das tecnologias móveis, cada dia mais pessoas começaram a perceber que os limites geográficos não são mais precisos. **Se você pode trabalhar de casa, usando a tecnologia, você pode trabalhar de qualquer lugar do mundo.** E esse é o novo Sonho Americano pra muita gente e os personagens dessa nova história ganharam o nome de “**Nômades Digitais**” (NÔMADES DIGITAIS, acesso em 16 de dezembro de 2019).

Vê-se, também, que os desdobramentos da palavra território podem ser aplicados. Portanto, essa pesquisa tem como objetivo conectar os conceitos de território, desterritorialização, mobilidade e território informacional com o nomadismo digital.

---

Inicialmente, para os estudos destes conceitos, três autores serão utilizados. Haesbaert (2010) e Santos (2002) sobre o território visto sob a ótica das Ciências Sociais; ainda Haesbaert (2002), sobre a desterritorialização; e Lemos (2007) sobre território informacional e mobilidade. Ao longo do estudo, outros autores serão utilizados e, também, trechos dos *blogs* estudados para que haja uma melhor contextualização do tema e dos conceitos.

### **Território e as Ciências Sociais**

O uso do conceito território para entender o nomadismo digital, objeto de pesquisa deste trabalho, se dá devido à multiplicidade de significados que podem ser aplicados à tal palavra. Apesar de ser muito estudado pelas Ciências Humanas e Naturais, os conceitos de território também contribuem para pesquisas nas áreas das Ciências Sociais, tal como a Comunicação Social. Santos (2002) e Haesbaert (2010) consideram que o termo tenha significados mais vastos do que apenas a dimensão política de delimitação espacial.

Para Santos, “O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência” (SANTOS, 2002, p. 13). O autor considera o uso do território nos âmbitos político, social e cultural. Para ele, as manifestações sociais, econômicas e culturais, assim como a separação de classes que acontecem, dão significado ao espaço, transformando-o em território. Ele completa, “O território usado não é apenas o conjunto de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como território usado, não o território em si” (SANTOS, 2002, p. 13).

Já para Haesbaert (2010), o território é polissêmico e pode ser dividido em três concepções distintas. Para o geógrafo, o território deve ser visto nos vieses jurídico-político, econômico e simbólico-cultural. Sobre jurídico-político, o autor vê a delimitação espacial, assim como o controle estabelecido e o poder do Estado. Já no simbólico-cultural, estuda-se a apropriação e valorização simbólica do espaço vivido. Por fim, no âmbito econômico, Haesbaert (2004) considera que este “ênfata a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão ‘territorial’ do trabalho, por exemplo” (HAESBAERT, 2010, p. 40).

---

Pelo fato do nomadismo digital ser um fenômeno social que engloba a evolução dos meios digitais, juntamente com a emergência de novos modelos de trabalho, é necessário entender o território que este fenômeno está inserido. O nomadismo digital, entretanto, não se enquadra na ótica territorial das Ciências Humanas e Naturais, mas das Ciências Sociais, como explica Haesbaert (2002). O geógrafo considera que quando nós tratamos de fenômenos sociais, o território pode ser dividido em dois contextos principais. Em uma primeira instância, ele descreve o binômio materialismo e idealismo, destacando a relação sociedade-natureza e as dimensões sociais privilegiadas, econômica, política, social e cultural.

Em um segundo momento, Haesbaert (2002), vê a historicidade do conceito que é dividido em dois sentidos. Um, o período em que a sociedade está historicamente situado e a condição geral da sociedade. E o outro, que consiste em três perspectivas o caráter relacional ou absoluto do território, o físico-concreto e social-histórico. Além disso, Haesbaert (2002) esclarece que o significado de território a ser trabalhado dependerá do viés filosófico que a pesquisa pretende abordar.

O nomadismo digital se encaixa no âmbito das ciências sociais por consistir em um movimento que reflete sobre os estilos de vida que envolvem novos discursos de trabalho. Além disso, pode ser visto tanto materialmente, analisando os sentidos econômicos e de classe, e, por fim, pode ser concebido nos vieses sociais e históricos que consideram o momento em que este fenômeno está inserido.

### **Desterritorialização, território informacional e mobilidade**

Após compreender o território através da Ciências Sociais, é possível analisar os desdobramentos deste termo. Ao considerar a dissolução de barreiras físicas e geográficas, assim como a ruptura de sistemas formais, Haesbaert (2002) explica o que é desterritorialização. O autor, contudo, relata que para compreender o significado de desterritorialização deve se levar em consideração os aspectos sociais. A desterritorialização pode ser vista a partir de diversas perspectivas, como o domínio de fluxos e redes e também de mobilidade, que pode ser controlada por grandes grupos econômicos.

Ao mesmo tempo, o geógrafo explica que a desterritorialização pode também ser entendida como a perda de referenciais materiais concretos sob domínio das relações imateriais. Em outro âmbito, Haesbaert (2002) concebe a desterritorialização como a

---

perda de poder e controle em relação ao espaço físico, dos fluxos migratórios e a deslocalização econômica. Sobre os processos sociais, Haesbaert percebe a desterritorialização como fruto da crescente homogeneização cultural, o que Santos (2000) vê como globalização perversa.

Ainda segundo Haesbaert (2002), a desterritorialização pode ser refletida a partir de dois extremos ao discutirmos relações de classe. O primeiro extremo, de acordo com o autor, é o que

[...] diz respeito à debilitação das bases materiais na dinâmica social, uma espécie de desterritorialização do ‘alto’ ou ‘superior’, especialmente vinculada às categorias sociais privilegiadas que usufruem de todas as benesses dos circuitos técnico-informacionais globalizados (HAESBAERT, 2002, p. 62).

Neste primeiro extremo, o autor constata que a imaterialidade do ciberespaço não elimina territórios, mas acrescenta. Ele explica que esse processo é considerado como relacional e também de des-reterritorialização, já que ao mesmo tempo que dissolve as barreiras físicas, cria novos espaços que podem ser vistos tal como os tradicionais. Para o autor, o processo de des-reterritorialização do ciberespaço faz com que o conceito de território fique ainda mais complexo.

Haesbaert (2002) estabelece que até mesmo autores com visões contrastantes sobre o ciberespaço, como o autor francês Pierre Levy, admitem que é necessário fazer uma reflexão acerca da emergência dos novos territórios. Em seu livro, *O que é o Virtual?*, Levy, (2011) diz que apesar da virtualidade criar um novo espaço, ela ainda depende de espaços físicos e geográficos. Neste contexto, Levy (2011), considera que quando um coletivo, ou mesmo uma pessoa se desterritorializam, estes separam o ambiente físico do virtual, e não se completam. Ainda, o autor diz que não há a total interdependência entre ambos. Ele concorda que o espaço-tempo de referência é o suporte para que o virtual seja possível.

Haesbaert (2002) contudo, completa dizendo que o físico e o virtual são continuações e que a desterritorialização não é o desaparecimento de territórios, mas o aparecimento de outros. O autor explica:

Ampliando esse raciocínio, podemos pensar a desterritorialização como um movimento que, longe de estar fazendo desaparecer territórios, ou mesmo de correr “paralelo” a um movimento territorializador, geralmente mais tradicional, deve ser interpretado como um processo relacional, des-reterritorializador, em que o próprio território se torna mais complexo, mais múltiplo, por um lado mais híbrido e flexível, mergulhado que está nos sistemas de rede, multiescalares, das novas

---

tecnologias da informação e por outro, mais inflexível e fechado, marcado pelos muros que separam ricos e pobres, grupos “mais” e “menos seguros”, mais e menos “territorializados” (HAESBAERT, 2002, p. 66).

Mesmo admitindo que a desterritorialização pode criar novos espaços, em vez de dissolvê-los, Haesbaert (2002) discorda de Levy (2011) quando ele resume desterritorialização ao uso do ciberespaço apenas com o viés virtual. É neste ponto que Haesbaert (2002) expõe o outro extremo da desterritorialização. De início, o autor chama este extremo da desterritorialização “de baixo” ou “inferior”, considerando as posições da pirâmide social. Nesta, Haesbaert (2002) conclui que o segundo aspecto da desterritorialização equivale ao físico, à luta por terra, a qual ele nomeia de precarização do territorial.

Ao analisar os contextos sociais vigentes no Brasil, Haesbaert (2002), compreende que a partir das discussões de desterritorialização, é possível entender a diferenças de classes. Percebe-se por meio dos *blogs* que fazem parte desta pesquisa, que a grande discussão é sobre o uso da informatização e da dissolução de barreiras espaciais. A desterritorialização é tratada como flexibilização e nomadismo, características que correspondem ao primeiro extremo considerado por Haesbaert (2002). Além disso, faz-se necessário perceber como o território em que o sujeito utiliza para o trabalho pode delimitar aspectos sociais mais amplos.

O *blog* Nômades Digitais, apresenta na sessão Manifesto todas as benesses da vida desterritorializada. Nesta parte lê-se grandes referências ao uso do território informacional, assim como as ferramentas digitais para o trabalho. O conceito de território informacional é trazido por Lemos (2007) para se referir ao emergente nomadismo oriundo da criação de novos espaços virtuais.

Por territórios informacionais compreendemos áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio. O território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre espaço eletrônico e espaço físico (LEMONS, 2007, p. 14).

Equiparados ao pensamento de Lemos (2007) em relação ao território informacional e também a mobilidade, os autores do *blog* Nômades Digitais, ressaltam que não há mais a necessidade de deslocamento e expõem como problemas espaciais o trânsito e as longas distâncias. Existe também, na perspectiva do nomadismo digital, a

---

preocupação com a perda de tempo e a otimização deste quando se trabalha de forma flexível e sem barreiras territoriais. Na sessão Manifesto do *blog*, lê-se:

É um momento épico: as paredes dos escritórios e as baias começam a despencar para diversas profissões. Em diversos casos, **elas já não fazem mais sentido**. Hoje, para muita gente, não há mais porque pegar horas de trânsito todos os dias, se locomover para escritórios que em sua maioria ficam em áreas centrais, gastar com transporte, estacionamento, almoço, gasolina, e tudo inflacionado, pois há muitas pessoas fazendo as mesmas coisas nos mesmos lugares. Há formas mais inteligentes de **trabalhar, ganhar dinheiro e ter uma vida fantástica ao mesmo tempo** (NÔMADES DIGITAIS, acesso em 6 de dez. de 2019).

Aliada ao conceito de desterritorialização, a mobilidade engloba, primeiramente, pensamentos como autogerenciamento do tempo, liberdade e flexibilização. O debate sobre os significados da mobilidade, já era visto com Bauman (1999) e Maffesoli (2001), ao dividirem os viajantes e os nômades em dois grupos. Maffesoli (2001) retrata dois tipos de nômades pós-modernos. Para o autor, o nômade é o sujeito errante, com uma pulsão migratória e o desejo de outro lugar. Neste âmbito, Maffesoli (2001) ainda define a errância em dois vieses, a errância da elitista, do *jetset*, outro termo para pessoas que mudam de lugar constantemente, e a errância da pobreza, que é a mudança à procura de melhores oportunidades.

Já Bauman (1999) compreende dois tipos de experiências ao se tratar da globalização e da hibridização cultural. Segundo o autor, existem os turistas e os vagabundos. Os turistas consistem em pessoas pertencentes a um grupo econômico social privilegiado e possuem pleno acesso a diversos lugares do mundo. Os vagabundos, entretanto, possuem uma mobilidade restrita ou obrigatória e não opcional como os turistas. Bauman (1999) explica: “os que vivem no “alto estão satisfeitos de viajar pela vida segundo os desejos do seu coração, podendo escolher os seus destinos de acordo com as alegrias que oferecem. Os de “baixo” volta e meia são expulsos dos lugares em que gostariam de ficar” (BAUMAN, 1999, p. 95).

O que é perceptível de acordo com os autores que discutem o tema, é uma problematização acerca da mobilidade e as mudanças estruturais que acontecem para que o estilo de vida nômade seja possível. Ainda, na sessão “Quem somos”, os autores consideram que o trabalho pode ser exercido em cafés, ou de qualquer outro lugar que tenha conexão à internet.



---

O'Regan (2008), ao explicar a emergência dos *cibercafês* como espaços de trabalho, assim como a adaptação dos negócios locais para a chegada dos novos nômades, pode ser vista como forma de exclusão. Entre os principais pontos, o autor retrata o aspecto cosmopolita dos cibercafês, perdendo a identidade regional, além do aumento de preço dos produtos e dos pacotes de internet para a população local. O autor concorda com Haesbaert (2009) ao mencionar que esta mobilidade pode estabelecer mudanças que prejudiquem o cotidiano de pessoas que não aderiram ao estilo de vida nômade.

Segundo O'Regan (2008), os novos cafês possuem um ambiente tido como global, moderno e padronizado com conexões rápidas e promovem a individualidade, já que a maior parte de sua clientela passou a ser formada por trabalhadores digitais. Para O'Regan (2008), o surgimento de novos estilos de trabalho transformam os lugares de interação, em lugares de trabalho, se tornando um elemento estrutural para que o estilo de vida nômade seja posto em prática. Além disso, o autor vê a mobilidade exercida pelos nômades como elemento de exclusão. Na sessão Quem Somos, do *blog* Nômades Digitais, lê-se:

Que tal trabalhar de um café em Paris? Ou de uma praia na Tailândia? Ou quem sabe, de um restaurante em Tóquio? Se você acha que essa realidade é utópica demais, saiba que estamos na crista da onda de um movimento global formado por pessoas que conseguiram realizar o sonho de trabalhar viajando (NÔMADES DIGITAIS, acesso em 11 de dez. de 2019).

O'Regan (2008), porém, estabelece um contraponto com os autores dos *blogs*, ao relatar a exclusão dos locais com o aumento de trabalhadores nômades. O autor relata que:

Os imóveis locais para viajantes têm que se adaptar e se atualizar para facilitar a mobilidade. Enquanto cibercafês não são genéricos, se estabelecendo em uma grande variedade de estilos, eles levam em consideração a localização, a clientela que possa promover novos lucros para o estabelecimento. A presença de uma massa de viajantes transeuntes, que ao mesmo tempo que uma alta lucratividade contribuindo para que se aumente a quantidade de cibercafês em áreas concentradas, aumentam os preços comerciais e de acesso à internet,

---

ocasionando a exclusão de usuários locais (O'REGAN, 2008, p. 116) (tradução nossa)<sup>7</sup>.

Já no outro *blog* analisado, 360meridianos, considera-se a noção de aproveitamento do território informacional para o trabalho. Na sessão Vida Nômade, a jornalista Natália Beccatini, retrata os custos de um escritório específico para o trabalho. Para os nômades, a desterritorialização vista pelo “alto” por Haesbaert (2002), é a chance das empresas economizarem com despesas cotidianas fazendo ao mesmo tempo com que o funcionário tenha mais liberdade temporal. A jornalista resume que:

Eu acredito que essa mudança virá mais cedo ou mais tarde, já que o modelo atual tem mostrado sinais de colapso nas grandes cidades, com os engarrafamentos quilométricos em horário de pico, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o encarecimento da mão de obra (não é mais qualquer família de classe média que pode pagar uma babá para tomar conta dos filhos enquanto os pais trabalham.) [...] Eu realmente acredito que, no futuro, a maior parte de nós vai desfrutar de uma rotina de trabalho mais flexível. (360MERIDIANOS, acesso em 6 de dezembro de 2019).

Vê-se, portanto, que para os novos nômades ou nômades digitais, a falta de flexibilidade trabalhista é algo a ser deixado no passado, visto que já é possível o aproveitamento dos meios digitais para exercer quase todas as atividades laborais. Por meio da leitura exploratória dos blogs, viu-se que a presença do conceito de território e a dissolução das barreiras espaciais é um tema constante, juntamente com debates de classe e de profissional, conforme relatado pela jornalista Natália Beccatini.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou analisar o movimento nomadismo digital conectando-o com os conceitos de território, território informacional, mobilidade e desterritorialização. Percebe-se, portanto, que fazer uma reflexão sobre ambos os extremos da desterritorialização, é essencial para que se compreenda a evolução dos processos sociais, especificamente sobre um movimento que, superficialmente, é visto somente pelas ações de trabalhar e viajar e não como uma mudança social concreta.

---

<sup>7</sup> The local buildings for travellers on the move have to adapt and upgrade to facilitate their mobility. While Internet cafés are not generic, coming in a wide range of styles, they do reflect their location, main clientele and the business agenda on the owner. The presence of a critical mass of transient travellers with extremely high profit-making capabilities contributes to a build-up of Internet cafés in concentrated traveller areas, increasing the prices of commercial space and Internet access and the exclusion of local users (O'REGAN, 2008, p. 116).

Considera-se que os desdobramentos do termo território afetam não só os âmbitos espaciais, mas, também, os processos sociais. Ainda, como o nomadismo digital é a maneira de trabalhar e viajar e prega a dissolução das barreiras espaciais em relação ao trabalho, vê-se que há grande similaridade com os estudos de desterritorialização e território segundo as ciências sociais, conforme mostrado durante nesta pesquisa.

O que se percebe também é a promoção da desterritorialização do “alto”, vista por Haesbaert (2002) e pelos significados de mobilidade, explicados por Mafesolli (2001) e Bauman (1999). A quebra de barreiras territoriais de forma voluntária descrita pelos nômades digitais faz, portanto, parte da evolução dos conceitos de territórios aplicados na sociedade, tais como a desterritorialização dos modelos formais de trabalho. A desterritorialização pode, com isso, ser vista como a ruptura de sistemas tradicionais que, nesta pesquisa, se resume à ruptura de sistemas formais de trabalho, permitindo a incorporação da flexibilização laboral em relação ao espaço e ao tempo.

## REFERÊNCIAS

360MERIDIANOS. **Vida Nômade**. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/?s=Vida+N%C3%B4made>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Disponível em: <http://www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=113>. Acesso em 22 de março de 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: BECKER, Bertha K. SANTOS, Milton. Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial. 3ed. Rio de Janeiro: Lamperina 2002. Disponível em: <https://yadi.sk/i/roETIHQss9j9x>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. 5ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

---

LEMOS, André. **Mídia Locativa e Territórios Informativos**. In Estéticas Tecnológicas. São Paulo: PUC/SP, 2007. Disponível em: [https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelem\\_os/midia\\_locativa.pdf](https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelem_os/midia_locativa.pdf). Acesso em 16 de dezembro de 2019.

LEVY, Pierre. **O que é o Virtual?** 2ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDIUM. **Digital Nomads: The big picture**. Disponível em: <https://medium.com/@fluidsonic/the-big-picture-of-digital-nomadism-9afb2208a76>. Acesso em 21 de jan. de 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/sociologia/outra\\_globalizacao.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf). Acesso em 16 de dezembro de 2019.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. In: BECKER, Bertha K. SANTOS, Milton. Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial. 3ed. Rio de Janeiro: Lamperina 2002. Disponível em: <https://yadi.sk/i/roETIHQss9j9x>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

NÔMADES DIGITAIS. **Manifesto**. Disponível em: <https://nomadesdigitais.com/comece-por-aqui/#parte-3>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

NÔMADES DIGITAIS. **Sobre**. Disponível em: <https://nomadesdigitais.com/sobre/>. Acesso em 06 de out. de 2020.

O'REGAN, Michael. **Hypermobilities in backpacker lifestyles: the emergence of the internet café**. In BURNS, P.M. NOVELLI, M. *Tourism and mobilities: global-local connections*. Brighton, 2008. Disponível em: <https://www.cabi.org/cabebooks/ebook/20083214135>. Acesso em 21 de março de 2020.